

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incentivar o educando a debater as informações, os padrões sociais, a sociedade em que está inserido é papel do educador. Em nossos dias, a formação de educandos críticos se torna ainda mais imperativa, dado que a ideologia hoje faz parte dos objetos que nos cercam e nunca, como vimos anteriormente, o ter, ao invés do ser, está tão disseminado na sociedade. Temos a obrigação de auxiliar nossos alunos na busca da realidade concreta, mostrando também que ele pode mudar aquilo que não acha certo, pois é agente social, um cidadão.

“Um dos saberes primeiros [...] é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. [...] Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 1996: 85-86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamos a ressaltar aqui o que dissemos na introdução. Demonstramos desde o início nossa posição frente ao que trabalhamos aqui, ou seja, revelamos nossas “cores ideológicas” frente ao processo de globalização e ao que acreditamos ser o melhor e possível para a sociedade, pois a neutralidade no ensino é algo falso e intencionalmente conformista. Isso deve acontecer também dentro de sala de aula na relação entre o educador e seus educandos, para que um diálogo sincero possa possibilitar o debate entre o que se quer que seja ensinado, o que se ensina e o que se espera ser ensinado. Só assim as possibilidades podem se tornar realidades, só assim os conceitos podem se tornar práticas. E isso não se aplica somente aos conceitos analisados neste trabalho, mas todo o conjunto da Geografia.

Contudo, trazendo a nossa discussão, a utopia de inclusão social, proposta por SPOSATI, só passa a ser verdadeira inclusão social – quer dizer, aquilo que é pensado como ideal, mas nunca atingível, só se torna plausível – quando se revelam as bases para tal. Em nosso caso, acreditamos ter obtido êxito nesta tentativa, mesmo que de forma parcial. A realidade que nos oprime e a tantos outros contrários a esta forma de viver é a mesma que contém as bases para que a mudança seja dinamizada. Basta somente o esclarecimento e a ação para tal. Assim, cremos que estamos contribuindo para uma Geografia da Verdadeira Inclusão Social no Ensino Médio.

Todavia, a de se respeitar o pensamento contrário ao nosso, quer dizer, os que acham que tudo está bem da maneira que está sendo. Mas nunca permitir a conclusão de que tudo é do jeito que é e não vai mudar, como está no fragmento linhas acima.

Este debate não se exauriu aqui e nem tivemos a pretensão de fazê-la. Acreditamos, entretanto, que estabelecemos as primícias para que outros possam se aprofundar neste debate em torno da verdadeira inclusão social, que não se encerra somente em sua relação com a globalização, mas que se relaciona com todos os aspectos do espaço geográfico.

Que nosso esforço conceitual possa surtir efeito na prática social, tanto nossa, quanto daqueles que participaram de nossa vida profissional e/ou pessoal, como para aqueles que tiverem a paciência de ler o desenrolar de nosso pensamento e análises neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais importante a deixar registrado é que nossa consciência se encontra tranqüila, pois tentamos expressar o que acreditamos e o que procuraremos transmitir e debater com todos.